

TV Brasil aposta no cinema nacional em sua grade

PÁGINA 3



Radicado no Rio, André Abujamra abraça o pop

PÁGINA 5



'Mãe de Santo' tem apresentações gratuitas no Leblon

PÁGINA 7



2º CADERNO

João Oliveira/Divulgação



O roqueiro Paulo Miklos (ex-Titãs) brilha na pele do inesquecível Adoniran Barbosa no premiado 'Saudosa Maloca', uma das estreias mais aguardadas do ano

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Um estonteante trabalho sobre saudade



Paulo Miklos em dois momentos de 'Saudosa Maloca' vivendo o jovem e o velho Adoniran, protagonista de uma São Paulo que, engolida pela gentrificação, não existe mais

Dos muitos prêmios que conquistou desde os tempos de os Titãs, nove troféus recebidos por Paulo Miklos vieram do cinema, por seu trabalho como ator, entre os quais a estatueta do Fest Aruanda, na Paraíba, dada a ele em dezembro, por seu desempenho em

'Saudosa Maloca'. É uma das estreias nacionais mais esperadas desta temporada, agenda para o próximo dia 21.

Sob a direção de Pedro Serrano, o cantor encara num debate sobre gentrificação, numa São Paulo de arranha-céus, a partir das traves-

sias e das travessuras do compositor e sambista Adoniran Barbosa (1910-1982). A trama chega ao circuito em paralelo ao empenho de Miklos para finalizar seu primeiro disco solo ao vivo.

Serrano e ele fizeram juntos o curta "Dá Licença De Contar" (2015), também dedicado ao legado de Adoniran e seus parceiros de birta e de batuque. O diretor investigou os feitos do arlequim do samba paulista no longa documental "Adoniran – Meu Nome É João Rubinato", de 2018. "Eu e o Paulo estabelecemos desde o início que não queríamos uma imitação do Adoniran, mas, sim, uma livre interpretação dessa figura tão peculiar, mais preocupada em passar a sua essência do que reproduzir seus trejeitos e expressões. Isso faz ainda mais sentido ao lembrar que nosso filme não é uma cinebiografia. Fiz um compêndio que nos ajudava a entender 'o jeito certo de falar errado' desenvolvido pelo 'homi'. Mas, dali pra frente, foi tudo na base dos subtextos, da relação entre os personagens. O Paulo é um ator muito aberto à escuta e entende muito rápido as intenções de cada cena", disse Serrano, laureado com o prêmio de Melhor Direção em Aruanda.

O elogio dele a seu protagonista não é mimo, nem rasgação de seda: o desempenho de Paulo Miklos é imparável (e encantador) no retrato da realidade urbana de uma São Paulo bem fotografada por Lito Mendes da Rocha. Na trama desse estonteante tratado sobre saudade, vamos a uma mesa de bar de São Paulo, onde o velho Adoniran (Miklos, sublime) conta a um jovem garçom (Sidney Santiago Kwanza) anedotas de uma metrópole que já não existe. Lembra com carinho da maloca onde viveu com Joca (Gustavo Machado) e Mato Grosso (Gero Camilo), destacando a paixão deles pela atendente de bar e aspirante a estilista Iracema (Leilah Moreno, luminosa em cena) e de outros personagens eternizados em seus sambas. O filme mostra como as letras de Adoniran se tornaram crônicas de uma terra engolida pelo apetite voraz do "pogressio".

ENTREVISTA / PAULO MIKLOS, MÚSICO E ATOR

Paulo Miklos, ainda este ano, será visto ao lado de João Miguel em “Estômago II: O Poderoso Chef”, retomando o papel do bandido Etcetera, destaque no longa original de 2007. Seu rol de grandes interpretações na telona inclui ainda “É Proibido Fumar” (2009), “O Homem Cordial” (2019) e “O Clube dos Anjos” (2022). Na entrevista a seguir, a cantor e ator dimensiona suas escolhas cinematográficas e fala dos projetos fonográficos que estão a caminho.

Falar de Adoniran Barbosa é falar de samba. Você tem uma ligação com grandes sambistas, ainda que o rock tenha sido seu cartão de visitas, no início de sua carreira. O que o ritmo defendido por Adoniran representa na sua forma de lidar com a música?

Paulo Miklos: Eu já fiz um show baseado em Noel Rosa, adoro Cartola. Conforme Adoniran mostra, samba é tensão e conflito. Ele não existe sem tragédia. O que há de exemplar no Adoniran é o olhar de cronista social que ele tem sobre uma cidade – a minha cidade – que vira personagem em suas letras. O repertório dele é atualíssimo. Conheci a obra dele antes do “Tiro ao Álvaro”. O legal do filme do Pedro Serrano é que eu já estou numa idade em que convenço tanto como o Adoniran mais jovem quanto no Adoniran mais velho. Embora eu tenha emprestado as minhas rugas para o papel, fiquei impressionado ao ver o que a maquiagem fez.

Você já estava no curta dele que deu origem ao longa, “Dá Licença De Contar”, que já partia do repertório de Adoniran para abordar a gentrificação de São Paulo e os laços de amizade entre os personagens que ele canta. Qual é a noção de amigo na poética dele?

O Pedro Serrano enxergou que “Saudosa Maloca”, a canção, já era um filme em si, pelas imagens que traz, centrada em três grandes ami-



‘O cinema é um lugar imenso de realização onde os papéis escolhem a gente’

gos. Na direção, ele traz o Adoniran para a tela ao fazer dele um personagem numa narrativa estrelada por pessoas maravilhosas como o Gero Camilo, com quem eu trabalhei em “Manhã de Domingo”. Desenvolvemos uma cumplicidade lá.

Desde “O Invasor”, há 23 anos, o cinema tornou-se parte de sua expressão artística. Este ano temos ainda “Estômago II: O Poderoso Chef”. Que lugar

essa carreira de ator passou a representar na sua jornada profissional?

O cinema é um lugar imenso de realização onde os papéis escolhem a gente. É uma felicidade poder ver o seu trabalho se descortinar num ambiente novo.

Saindo um pouco da esfera cinematográfica, que novos projetos Paulo Miklos tem pela frente?

Chama-se “Paulo Miklos Ao

Vivo”. É o primeiro disco ao vivo da minha carreira. Estou numa fase de registrar o trabalho que eu tenho feito com a banda que me acompanha. Eu preparei uma homenagem ao (rapper) Sabotage, que fez “O Invasor” com a gente, e partiu há 20 anos. É uma forma de lembrar a morte dele e, mais do que isso, a obra dele. É uma canção chamada “Sabotage Está Aqui”. Ainda não temos show marcado no Rio, mas quero me apresentar aí.

Um dos titãs mais carismáticos

Por **Affonso Nunes**

Desde que deixou os Titãs em 2016, Paulo Miklos deu mais vazão a seu lado ator, mas é impossível não associá-lo aos melhores anos da banda. Sua saída após 34 anos e mais de 20 discos, pegou muitos de surpresa, mas não foi repentina. Há anos, ele alimentava a ideia. “Saí para ser dono do meu próprio tempo”, disse na ocasião.

Cantor, guitarrista e, eventualmente, saxonista, Miklos responde como compositor (sozinho ou em parcerias) por algumas das mais emblemáticas canções titânicas. A mais popular delas é “Flores”, escrita em parceria com Sérgio Britto, Charles Gavin e Toni Bellotto para o álbum “Ó Blésq Blom” (1989). “Porque Sei Que É Amor” (com Sérgio Britto) e “Cabeça Dinossauro” (com Arnaldo Antunes e Branco Mello) completam o top 3 autoral deste carismático artista.

Miklos sempre se auto-definiu como “o mais louco” dos dos Titãs, mas frisa que não coloca uma gota de álcool na boca há cerca de uma década. Substâncias mais pesadas, então, nem pensar.

De que forma “Saudosa Maloca”, em sua imersão sociológica pela geografia paulistana, faz você repensar sua terra?

A gente está numa visão crítica que me dá uma percepção empática das relações sociais a partir daqueles três colegas de samba. Com a realidade estampada, o filme tem um tempo poético que coloca no lugar do outro nessa São Paulo em transformação.

Farra cinéfila na TV aberta

Reconfiguração da TV Brasil amplia o espaço de filmes nacionais na telinha ao mesmo tempo em que a 'Sessão da Tarde' sofisticou seu cardápio

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Às 21h30 desta quarta-feira (13), uma sofisticada love story queer chamada "Flores Raras" perfuma a grade da TV Brasil de elegância, com a grife da LC Barreto, demarcando uma safra de longas-metragens nacionais de impacto mundial na programação da TV Brasil. A reconfiguração da emissora, na nova Era Lula, ampliou o espaço para títulos brasileiros, porém, para além da quantidade, ampliou-se também a qualidade.

Com roteiro de Carolina Kotscho, Julie Sayres e Matthew Chapman, a trama amorosa com Glória Pires e Miranda Otto flanou pela Berlinale antes de aportar em circuito, trazendo a assinatura de Bruno Barreto em sua direção. Em sua trama, a poeta americana Elisabeth Bishop (Miranda) viaja para conhecer o Rio de Janeiro, onde conhece um mito do paisagismo na arquitetura: Lota de Macedo Soares (Glória). Uma paixão feroz nasce entre elas, aquecendo a temperatura do canal educativo, que amplia seu diálogo com as autoridades desta nossa pátria.



Miranda Otto e Glória Pires em 'Flores Raras'

Um outro bom exemplo desse menu é "Menino 23", agendado pela TV Brasil para quinta, às 21h30. A direção é de Belisario Franca, que assina o roteiro com Bianca Lenti. É um .doc de linhas históricas. A partir da descoberta de tijolos marcados com suásticas nazistas em uma fazenda no interior de São Paulo, o filme acompanha a investigação do historiador Sidney Aguilar e a descoberta de um fato assustador: durante os

anos 1930, 50 meninos foram levados de um orfanato no Rio de Janeiro para ingressar num calvário de trabalhos forçados.

Tem brasilidade com tambores de Minas em "A Sede do Peixe", que a TV Brasil exhibe no domingo, às 14h. Carolina Jabor e Lula Buarque de Hollanda se alinham na direção para narrar a sinestésica experiência musical de Milton Nascimento.

Na latitude vespertina da TV Globo, a "Sessão da Tarde", que

comemora seu cinquentenário em 2024, também passa por um banho de loja. Nesta quarta, às 15h25, tem transmissão do filme catástrofe "O Impossível" (2012), do espanhol J. A. Bayona. Na trama, uma família de turistas tenta sobreviver ao tsunami que atingiu o sudeste asiático em 2004. Naomi Watts, Ewan McGregor e Tom Holland encabeçam o elenco dessa superprodução de US\$ 45 milhões, que faturou US\$ 198 milhões na venda de ingressos.

Jéssica Ellen cotada para nova trama das 19h

Novela ainda sem título definido começa a ser gravada em julho

Nathalia Dill mal estreou na Globo como protagonista de "Família é Tudo" e a Globo já tem o nome da mocinha da próxima novela na faixa das 19h: Jéssica Ellen. A atriz foi escolhida para encabeçar o elenco da trama escrita por Claudia Souto, ainda sem nome definido, e com estreia prevista para setembro.

Jéssica irá interpretar Madalena, filha de um motorista de ônibus de uma grande viação no Rio de Janeiro, onde a história será ambientada. A reportagem apurou que a direção está na fase de fechar os nomes do elenco e as gravações começam em julho.

A atriz chegou a ser escalada



Atriz e cantora, Jéssica começou carreira nos musicais

para interpretar Xaviera, em "Mar do Sertão" (2022), mas engravidou e a personagem acabou ficando

com a colega Giovana Cordeiro. Jéssica é mãe de Máli, fruto da união com o também ator Dan

Divulgação

Ferreira. O menino nasceu em dezembro de 2022.

Atriz, cantora, compositora e dançarina, Jéssica Ellen tem uma sólida carreira no teatro musical. Porém, ficou conhecida nacionalmente por sua atuação na minissérie "Justiça", exibida pela Globo em 2016, onde discutiu sobre o racismo.

Jéssica Ellen atuou ainda em outras produções da emissora como "Malhação" (2012), "Geração Brasil" (2014), "Totalmente Demais" (2016), e "Amor de Mãe" (2021). A informação de que ela será a protagonista da trama de Claudia Souto é da colunista Anna Luiza Santiago, colunista do jornal O Globo. Procurada pela reportagem para confirmar a notícia, a emissora não respondeu.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Itamar Vieira Jr lançou 'Tordo Arado' em 2019

'Tordo Arado' é indicado ao Prêmio Booker Internacional

O romance "Tordo Arado", de Itamar Vieira Jr, foi indicado ao prêmio Booker Internacional, que seleciona anualmente os melhores livros estrangeiros traduzidos ao inglês e editados no Reino Unido ou Irlanda.

A história ganhou o título "Crooked Plow" na tradução de Johnny Lorenz para a editora Verso Books.

Os jurados do prêmio afirmam que "o romance nos convida a conhecer as relações profundamente enraizadas dos povos afro-brasileiros e indígenas com sua terra e suas águas", apesar de "brutais disrupções coloniais". A obra já vendeu mais de 700 mil exemplares desde a publicação no Brasil pela Todavia em 2019.

Saideira

Formado por Dora Morelenbaum, Julia Mestre, Lucas Nunes e Zé Ibarra, o Bala Desejo se despede para tocar as carreiras de seus membros. O quarteto encerra nesta quarta (13) a turnê de despedida, às 20h, no Teatro Riachuelo.

Contação

O CCBB Educativo realiza nesta quarta e quinta (13 e 14) a atividade gratuita Mobilário - Campos de Arte, com contação de histórias como "Aranha Encantada", "Bacurau Dorme no Chão" e "O Grande Rio sai dos potes de água", sobre o Rio Amazonas.

Em alta

Karol G foi homenageada como Mulher do Ano 2024 no Billboard Women in Music Awards. A superstar colombiana é a primeira artista que grava principalmente em espanhol a receber o prêmio desde a inauguração da cerimônia, em 2007.

Fora de contexto

Regina Duarte foi condenada pelo Juizado Especial Cível da Lagoa a indenizar em R\$ 30 mil a diretora e roteirista Janaina Diniz Guerra, filha da artista Leila Diniz, por violação ao direito de imagem e honra com uma postagem fora de contexto.

Wigne Nadjare/ Divulgação



André Moraes e Ney Matogrosso nos bastidores da gravação de seu álbum 'Voragem'

O olhar global e generoso de um artista

Paraibano André Moraes bebe de múltiplas fontes em seu terceiro trabalho autoral

Em comemoração aos 20 anos de estrada, o multiartista paraibano André Moraes, ator, diretor, cantor e compositor, lança seu terceiro álbum autoral, o "Voragem", nas plataformas digitais dia 15 de março, sexta – além de clipes inéditos em seu canal do Youtube. O Correio da Manhã ouviu antes do lançamento as 10 canções inéditas do trabalho que vibram poeticamente o olhar do artista sobre o mundo, o álbum vem com as participações de Ney Matogrosso e da cantora paulista Fabiana Cozza.

Voragem, palavra que dá significado a um fenômeno devastador da natureza, um redemoinho no mar, tudo que se consome com violência, que se leva à profundidade, ao abismo. Um movimento de morte e finitude, mas também de renascimento e transformação.

Toda essa emoção moveu a composição das 10 canções auto-



Divulgação

rais desse álbum, com boa parte do repertório criado durante o período de isolamento. São canções íntimas, que falam sobre o olhar do artista no mundo. Sua solidão, seu encontro com a natureza, com o desejo, com a amorosidade, além do resgate de sua ancestralidade, através de uma reflexão sobre o seu existir no universo. Em versos como esse da música "A Lira Nua" (parceria de André com Valéria Oliveira) "... você que não me conhece, não ouviu meu canto, não roçou minha pele, aqui estou, mulher, homem, aquilo que não

tem nome..." se evidencia a busca de um arquétipo que une o masculino e o feminino, na desconstrução do padrão social machista que nos é imposto, para um salto na liberdade híbrida tão cara nesse momento contemporâneo.

Em "Voragem", André Moraes reafirma sua parceria com a compositora Lucina e abre parcerias com a cantora e compositora paraibana Socorro Lira e com a potiguar Valéria Oliveira, construindo um universo criativo em que a presença do feminino é importantíssima.

Ney Matogrosso participa de "Cantar e Sangrar", primeiro single lançado do álbum, e conta aqui sua experiência: "Quando tem dramaticidade é muito bom, eu gosto do drama. Cantar e sangrar é um verso muito forte para se ter numa canção! Eu adorei a música, gostei de cantar, além de ser uma parceria de André com Lucina, pessoas muito próximas, então está tudo em casa".

Já Fabiana Cozza participa na canção "Pátria" (parceria dele com Valéria Oliveira). "Quando fui convidada, fiquei muito feliz. André é uma pessoa muito querida, um ator, cantor e artista maravilhoso. Tem um olhar muito poético e apurado de arte! E eu quero estar sempre desse lado, da trincheira, ao lado dos artistas que tem sempre muito o que dizer", descreve ela.

"Voragem" é um álbum de sonoridade acústica, gravado ao vivo em estúdio, construído com um olhar da Paraíba e do Nordeste, mas de braços abertos ao mundo. Um quinteto. Uma voz e quatro ótimos músicos, que exercem sua musicalidade.

Com uma sonoridade que paira pela África, passando pelas referências dos movimentos das águas da ilha de Cabo Verde, indo para os ritmos e tambores ciganos, flertando com o blues americano, até chegar ao que há no Brasil mais profundo. É um disco de afeto, de encontro. Artistas se debruçando de forma profunda sobre um repertório que é um retrato íntimo de um compositor, compartilhado com os músicos que o cercam.

Agora radicado no Rio, cantor e compositor mostra um lado mais pop e leve

André Abujamra respira novos ares

Índio San/Divulgação



André Abujamra está de mudança e escolheu o Rio como inspiração e para apresentar um novo trabalho. “Mundo Lindo” é a primeira faixa de seu novo álbum, em que expõe um lado mais leve e suave de sua criação. Abujamra celebra sua chegada na cidade com dois shows no Manouche. No dia 22, o cantor e compositor estreia com sua nova banda e as participações especiais de Paulinho Moska e Plínio Profeta. No dia 23, ele repete a dose, recebendo Pedro Luís e Plínio Profeta de convidados.

Abujamra é acompanhado pelos músicos Tostoi (guitarra),

Jongui (bateria), Zé Victor (baixo) e Marcelo Pereira (sax). No show, além do novo single, o artista apresenta algumas novidades de seu

próximo disco solo e outras músicas mais conhecidas do seu repertório, como as autorais “O Mundo”, “Elevador”, “Duvião”, “Imaginação”

e “Juvenar” (parceria com Carneiro Sandalo).

“Este show é muito simbólico porque marca a minha mudan-

ça de cidade. Resolvi sair de São Paulo para o Rio e montei uma banda com amigos cariocas, que era um desejo antigo. Também estou lançando meu novo single, ‘Mundo Lindo’, que mostra um lado mais pop do meu trabalho”, conta Abujamra.

Parceria com Aguinaldo Roca, “Mundo Lindo” marca a volta de André Abujamra ao universo pop, atualizando texturas musicais dos anos 1980 e 1990. A letra traduz a vontade de sair da polaridade e encontrar um denominador comum para viver em paz e harmonia. A produção musical foi feita no novo estúdio do artista, no Rio de Janeiro, cidade que ele escolheu para viver essa nova fase de sua vida.

O Rio sempre recebeu muito bem o trabalho de Abujamra, seja como artista, ou como ator, compositor de trilhas de cinema e teatro. “Aqui é um lugar onde os encontros e as trocas criativas acontecem de maneira espontânea e isso faz muito bem para a minha arte”, justifica o músico.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Cenas cariocas

Brune, artista curitibana radicada no Rio que atua como poeta, compositora, cantora e diretora criativa, canaliza força e criatividade em “Dona do Jogo”. Seu novo single e clipe celebra a autoconfiança e o bem-estar, antecipando novidades da artista que agora reside na Rocinha e se inspirou nas cenas e cenários cariocas. A faixa é uma fusão de estilos que inclui elementos de soul, hip hop e do pop. “É importante para mim registrar esse momento da minha vida na comunidade que me acolheu, a minha casa aqui no Rio”, conta.

Gabriela Portela/Divulgação

Reprodução YouTube

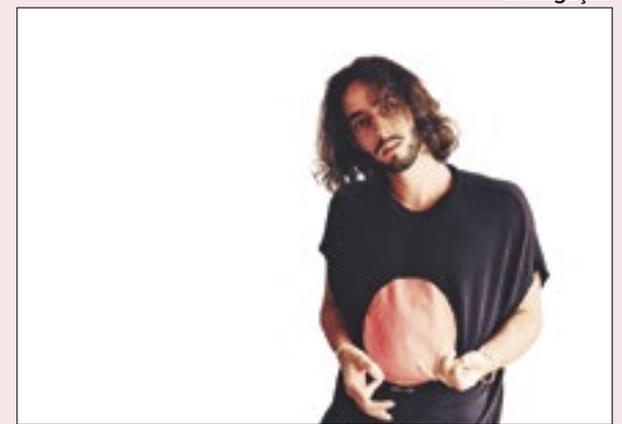


Na força das águas

Ju Dourada revela novo aspecto de suas composições com “Filha de Iemanjá”, canção poética que exalta a força feminina encontrada na água, celebrando a cultura ribeirinha do norte das Minas Gerais e os caminhos do Rio São Francisco. A faixa é uma consequência do mergulho pessoal de Ju em sua própria espiritualidade, em busca de autoconhecimento. Embora não pratique uma religião específica, a artista abraça o sincretismo, já presente em suas origens católicas, sem se limitar a credos ou crenças. Umbanda, budismo e astrologia fazem parte de suas convicções.



Divulgação



Hora de desacelerar

O cantor, produtor e compositor mineiro Fel C une indie rock, eletrônico e pop em uma faixa que reflete nossa relação contemporânea com o descanso e seu impacto no dia-a-dia. “Ócio” é uma colaboração com o premiado produtor Silvera (conhecido por seus trabalhos com Ed Motta, Racionais MCs, Gal Costa e Maria Rita) e antecipa o álbum “Interno”. A faixa, conta o artista, oferece uma profunda reflexão sobre nossa relação contemporânea com o descanso e destaca a importância de desacelerar em meio a uma sociedade que valoriza e exige a produtividade constante.

Divulgação



Rearranjos da memória e de afetos

Poeta e ensaísta, Tatiana Nascimento exige sensibilidade do leitor em estreia na prosa

Por Bianca Gonçalves
(Folhapress)

S seja como poeta, compositora, editora, tradutora, pesquisadora ou intelectual, Tatiana Nascimento constrói nos vários braços de seu trabalho um corpo cosmológico em que uma parte dialoga, incorpora e prolonga a

outra. O resultado é um todo que produz sentido e efeito estético intrincados e, portanto, complexos, que agitam a zona de conforto de seus potenciais leitores.

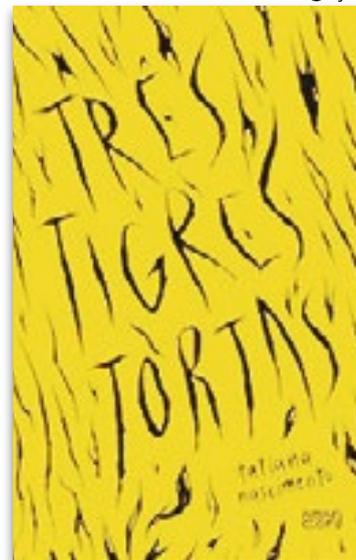
Nascimento se desloca da teoria - como no ensaio “Cuir lombismo Literário” e em outras produções sobre gênero, raça e tradução - para a poesia (escrita, falada e cantada), tensiona e elabora con-

ceitos. Complementando essas imbricações, surge sua estreia na prosa ficcional com o livro de contos “Três Tigres Tortas”, publicado pela Amarcord.

Mobilizando o experimentalismo, seja na linguagem ou na concepção de mundos, seus contos tornam as dissidências visíveis a partir de rearranjos inventivos da memória e do afeto. As cinco

Tatiana Nascimento faz uso do experimentalismo nas cinco histórias reunidas em ‘Três Tigres Tortas’

Divulgação



histórias de “Três Tigres Tortas”, que incluem de utopias ecológicas pós-racistas a reminiscências de uma garotinha sobre sua família em portunhol, imaginam a existência de outros espaços de per-

tencimento, outras maneiras de ser e agir.

Um sistema jurídico reinventado torna possível mover ações afetivas, com pagamentos feitos por meio de valores simbólicos e ancestrais. A adoção de um calendário lunar permite uma vida com cada vez mais gozo. O compartilhamento de terapias hormonais indígenas, que substituem a burocracia dos processos de transição de gênero atuais, levam ao dismantelamento de um sistema tecnocrata eurocentrado. Uma sociedade que mescla espiritualidades, combinando a filosofia budista a dos orixás e na qual meditar e contemplar é a norma, não a exceção.

Chama a atenção a maneira como a autora se desvia de descrições essencialistas do sistema sexo-gênero, pois também faz parte de seu projeto perturbar os atalhos e lugares-comuns da legibilidade afetivo-sexual, desde os binarismos comuns do que se entende por feminino e masculino à concepção de família nuclear.

Como grande leitora (e tradutora) de Audre Lorde, Nascimento põe em prática o que a autora de “Unicórnica Preta” certa vez elucubrou: a poesia, enquanto “destilação reveladora da experiência”, é fundamental para a vida das mulheres (e, podemos acrescentar, dos demais sujeitos subalternizados do sistema cis-heteronormativo). É ela que transforma nossas esperanças em linguagem para que, depois, elas resultem em ações.

“Três Tigres Tortas” é um livro que demanda, talvez mais do que a maioria das obras literárias que circulam hoje, um repertório extenso e aprofundado de questões prementes no ativismo dissidente de gênero, que envolve desde o exercício prático da coletividade até os chamados estudos cuir (do inglês “queer”) - dedicado à leitura decolonial do que é considerado “estranho”, “ultrajante”, “desviante”.

Por esse motivo, trata-se de uma obra que exige leitores que, senão empenhados, ao menos se deixem tocar por fabulações que conjecturam outras possibilidades de existência.

Monólogo 'Mãe de Santo', com Vilma Melo, volta ao Rio para apresentações gratuitas nesta quarta-feira

Baseado em textos e relatos da filósofa, Helena Theodoro, que reflete e celebra sobre o papel fundamental e sagrado da mulher negra, o espetáculo "Mãe de Santo" retorna aos palcos do Rio e Niterói. Na capital, o monólogo, com Vilma Melo, será encenado em duas sessões a gratuitas nesta quarta-feira (13), às 17h30 e às 19h30, no Teatro Café Pequeno, no Leblon. Em abril, o espetáculo realiza única apresentação no dia 26, às 20h, no Teatro da UFF.

Ressignificar e enaltecer o poder da mulher preta na condução de suas comunidades é o grande mote do espetáculo dirigido por Luiz Antônio Pilar e protagonizado pela primeira atriz negra a vencer o Prêmio Shell (2017). Em cena, Wilma interpreta uma e, ao mesmo tempo, várias mulheres pretas.

O texto de Renata Mizrahi traz um posicionamento firme e de orgulho das histórias contadas e passadas por gerações e documentando como as mulheres afro-brasileiras. São diálogos, corpos sagrados e que utilizam o homem como complemento de suas narrativas e vivências. "Mãe de Santo" representa pra mim as mil possibilidades da mulher preta, que dá asas à imaginação, mostrando musicalidade, poesia, espiritualidade, habilidade e maternidade desde muito tempo. Ser mãe de santo é ser mãe do mundo, cuidando de gente de ontem – seus ancestrais – ou de hoje – sua família, amigos, parceiros –, preservando o mundo para um amanhã mais pleno, transforma-



Vilma Melo em 'Mãe de Santo', espetáculo que rendeu à atriz indicações aos prêmios APTR 2022 e Shell 2023 como melhor atriz

Quando se
é uma e,
ao mesmo
tempo,
várias

do pelo elo de afeto entre as pessoas, pela arte e por toda a beleza que um olhar doce e meigo pode oferecer. Mãe de santo é mulher que se orgulha de suas histórias e identidades, entendendo que nada é mais profundo do que a pele preta que traz em seu corpo e ilumina sua alma", afirma a escritora Helena Theodoro cujas

reflexões inspiraram a criação do espetáculo.

Para além do arquétipo, das vestimentas e acessórios característicos da religião de matriz africana, "Mãe de Santo" mostra que essas mulheres também vivenciam o particular – carregam tristezas, perdas, felicidades, medos, angústias e papéis importantes na so-

cidade. Apesar de estereotipadas, essas figuras religiosas são plurais e, muitas vezes, não recebem o acolhimento de que necessitam. Mas, mesmo assim, resignificam suas histórias em prol do viver individual e do coletivo existentes nas comunidades que lideram.

"As mães podem ser vistas como depósitos para desenvolvimento de outros seres. Elas geram, criam e educam com o intuito de integrar a sociedade. Na mão da materialidade, a mulher é cabaça, que contém e é contida por representar a vida. A ancestralidade dessas mulheres pretas empodera o cotidiano, os estudos, a família, a carreira profissional, a posição social, e ainda fortalece o enfrentamento do racismo diário", destaca Vilma Melo, indicada aos prêmios APTR 2022 e Shell 2023 na categoria "Melhor Atriz" por seu trabalho nesta montagem.

SERVIÇO

MÃE DE SANTO

Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon) 13/4, às 17h30 e 19h30
Grátis

'Feio' em temporada popular nas areninhas

Renato Mangolin/Divulgação



Breno Paraizo em 'Feio'

Indicado ao Prêmio Shell de Melhor Iluminação, o espetáculo "Feio" retorna ao circuito para uma temporada de circulação, acompanhada de oficina de teatro gestual, ambos gratuitos. A turnê começa nesta sexta-feira (15) pela Areninha Carioca Gilberto Gil, em Realengo, passa pela Areninha Cultural Herbert Vianna, na Maré (28), pela Arena Carioca Fernando Torres, em Madureira (5/4), e finaliza na Arena Carioca Jovelina Pérola Negra, na Pavuna (12/4).

"Feio" é o quarto espetáculo da Dobra. A direção é de Helena Marques, dramaturgia de Cecilia Ripoll e atuação de Breno Paraizo, Caio Passos, Fábio Lacerda e Reinaldo Dutra. O trabalho traz à cena a história de um casal que é surpreendido por uma descoberta revelada nas imagens de um exame. Uma reflexão sobre os limites entre humanidade e tecnologia, e num jogo tragicômico traça relações entre filtros de embelezamento, emojis e reações fisiológicas.

SERVIÇO

FEIO

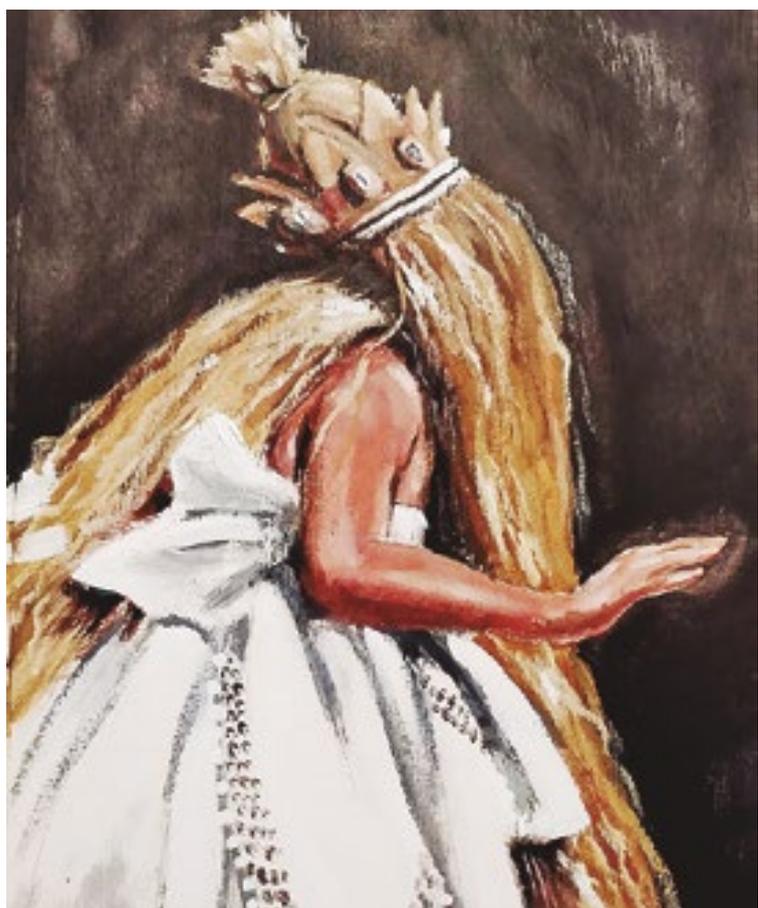
Areninha Carioca Gilberto Gil (Av. Marechal Fontenele, 5.000 - Realengo) 15/3, às 19h | Grátis

Divulgação



A sabedoria dos orixás e as práticas religiosas dos povos escravizados são o ponto do artista plástico carioca Caio Truci nas telas expostas no Centro Cultural dos Correios

Identidade a ser **relevada**



Na exposição 'Àwúre', Caio Truci conecta ancestralidade aos dias de hoje

O artista plástico carioca Caio Truci apresenta a exposição "Àwúre", que, em yorubá, significa o ato de pedirmos a benção, retratando os orixás de diversas maneiras e fazendo o espectador se conectar à sua ancestralidade. Com curadoria de Carlos Bertão, o artista apresenta obras de diversas dimensões em óleo sobre tela e óleo sobre papel.

Para Truci, a ancestralidade é a semente que foi plantada pelos avós e que está sendo colhida pelos netos, sendo mais do que saber de onde vieram seus an-



perda de quem nós somos.

"Àwúre' é o resgate de um tempo marcado por luta, opressão e fé de um povo escravizado, trazendo o que ficou de mais valioso dessa herança - a fé e a religiosidade", diz o artista, arquiteto e urbanista de formação, que representa os próprios orixás de maneiras diversas. E no processo de criação mescla o passado e os orixás, já contemporâneos, no qual compõem um diálogo com o mundo em que vivemos.

SERVIÇO

ÀWÚRE

Centro Cultural Correios RJ
(Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)

Até 24/4, de terça a sábado
(12h às 19h) | Entrada franca

tepassados. É como redescobrir a identidade que foi deturpada durante anos de história e que nos fizeram construir uma visão